

Feminino e Masculino: a compreensão de jovens adultos sobre o tema

Feminity and Masculinity: young adults' understanding of the concept

DOI:10.34119/bjhrv5n1-002

Recebimento dos originais: 08/12/2021

Aceitação para publicação: 04/01/2022

Andressa Laurenti

Graduanda - UNAERP - Universidade de Ribeirão Preto
Av. Costábile Romano, 2201 - Ribeirânia - Ribeirão Preto-SP
E-mail: andressa_lau@outlook.com

Laís Passarelli Rodrigues

Graduanda - UNAERP - Universidade de Ribeirão Preto
Av. Costábile Romano, 2201 - Ribeirânia - Ribeirão Preto-SP
E-mail: laispassarelli02@gmail.com

Laura Scandiuzzi

Graduanda - UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto
Av. Costábile Romano, 2201 - Ribeirânia - Ribeirão Preto-SP
E-mail: scandiuzzilaura23@gmail.com

Gisele Machado da Silva Carita

Doutora em Psicologia - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP
(Universidade de São Paulo) - UNAERP - Universidade de Ribeirão Preto
Av. Costábile Romano, 2201 - Ribeirânia - Ribeirão Preto-SP
E-mail: gcarita@unaerp.br

RESUMO

O conceito de gênero faz-se como uma conjuntura de um momento sociocultural, relaciona-se às pessoas produzirem comportamentos, vistos pela sociedade, em determinada situação, como masculinos ou femininos, de acordo com condutas estereotipadas e considerando, portanto, papéis de gênero. Faz-se o gênero nas interações sociais, assim, realiza-se uma construção e/ou desconstrução desse conceito, num mundo já gendrificado. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, de campo, de caráter exploratório, cujo objetivo foi apreender a compreensão do feminino e do masculino, na atualidade, entre moradores do interior do Estado de São Paulo. O estudo contou com 7 participantes de 20 a 40 anos, acessados segundo o método “bola-de-neve”, organizados em grupos, de acordo com critérios pré-estabelecidas. Os participantes responderam a uma entrevista, segundo questionário semiestruturado, elaborado para este estudo. As entrevistas foram analisadas, segundo metodologia da análise de conteúdo. Foram seguidas todas as normas éticas recomendadas pela resolução 466/12. Os resultados revelaram aspectos vivenciais e experiências relatadas pelos participantes relacionados à presença dos constructos sociais de gênero. As formas de socialização e a narrativa referente a identidade de gênero e sexualidade, influíram na forma que os participantes da pesquisa refletiram e dialogaram sobre as estruturas da sociedade, seu papel nela e sua relação com o feminino e o masculino.

Palavras-chave: identidade de gênero, orientação sexual, Psicologia Social, masculino, feminino.

ABSTRACT

The concept of gender is like a conjuncture of a social-cultural moment, it relates to people producing behaviors, seen by society, in each situation, as male or female, according to stereotyped conduct and considering, therefore, gender roles. Gender is made in social interactions, that being, a construction and / or deconstruction of this concept takes place, in an already gendriified world. A qualitative, field research, of an exploratory nature, was carried out, whose objective was to apprehend the understanding of the feminine and the masculine, nowadays, among residents of the interior of the State of São Paulo. The study included 7 participants aged 20 to 40 years, accessed according to the "snowball" method, organized into groups, according to pre-defined criteria. Participants answered an interview using a semi-structured questionnaire designed for this study. The statements were analyzed according to the content analysis methodology. All ethical standards recommended by resolution 466/12 were followed. The results revealed experiential aspects and experiences reported by the participants related to the presence of gender social constructs. The forms of socialization and the narrative referring to gender identity and sexuality influenced the way that people in the research reflected and dialogued about the structures of society, their role in it and its relationship with the feminine and the masculine.

Keywords: gender identity, sexual orientation, Social Psychology, masculinity, femininity.

1 INTRODUÇÃO

Os conceitos de masculino e feminino, na atualidade, permeiam intensas discussões sociais. Nos tempos de uma alta do feminismo e discussões de gênero movidas, principalmente, pelas redes sociais, existe uma maior preocupação em questionar e contestar os antigos paradigmas referentes a relações de gênero e à conseqüente desconstrução das concepções de masculino e feminino.

Foi através das reflexões feministas que as discussões sobre gênero e a díade masculino-feminino puderam obter relevância no debate acadêmico, obtendo uma posição de destaque e fornecendo esclarecimentos, possibilitando que mudanças nesses entendimentos também alcançassem a sociedade geral (OLIVEIRA, 1998).

Quando se considera sexo um conceito a se explicar, ao invés de um fato auto explicado, o conceito de gênero corresponde ao propósito de colocar as diferenças entre os sexos nas pautas de investigação social, orientando sua análise para as condições históricas e sociais de produção de crenças e saberes sobre os sexos, bem como a legitimação de divisões sociais baseadas nele (AMÂNCIO, 2003).

Também foi trabalhado o tema das Representações Sociais ao longo do trabalho. O termo "Representação Sociais" (RS) foi cunhado por Serge Moscovici em seu doutorado, em 1961, tendo levado duas décadas de trabalho para apresentar sua teoria, publicando as

obras “La Psychanalyse: son image et son public”, em 1961, e o livro “Social Cognition”, em 1984 (REIS; BELLINI, 2011). “A teoria das RS é uma teoria sobre a produção dos saberes sociais. Saber, aqui se refere a qualquer saber, mas a teoria está especialmente dirigida aos saberes que se produzem no cotidiano, e que pertencem ao mundo vivido” (JOVCHELOVITCH, 1998 apud REIS; BELLINI, 2011, p. 149).

Segundo Reis e Bellini (2011), para se compreender o conceito de RS é necessário compreender sua passagem histórica. Etimologicamente, “representação” vem da forma latina “repraesentare”, que significa “fazer presente” ou “apresentar de novo”; antes, representação era distinguida em dois níveis de fenômeno: o individual e o coletivo, por conta da crença de que as leis que explicavam os fenômenos coletivos eram diferentes das que explicavam os fenômenos individuais (FARR, 1995; JOVCHELOVITCH, 1998 apud REIS; BELLINI, 2011).

Portanto, considerou-se de extrema importância discutir o tema proposto, com o intuito de compreender, através da fala dos participantes, as concepções de masculino e feminino inseridos em múltiplos contextos sociais e culturais. Almejou-se, ainda, compreender a relação entre o contexto histórico-cultural de gênero e sua interrelação com os conceitos de masculino e feminino.

2 MÉTODO

2.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

A pesquisa em questão seguiu um viés de natureza aplicada, ou seja, se “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35), com uma abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2003), refere-se a uma preocupação com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, se considera significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que se relacionam a processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os dados, portanto, foram coletados através do diálogo, e comparados para identificar possíveis convergências e divergências, tendo como intenção compreender o sentido e o significado que o discurso tem para os indivíduos entrevistados (MARTINS; BICUDO, 1989). Dessa forma, foram analisados a partir dos referenciais da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004) e discutidos a partir da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2007).

A pesquisa se utilizou, ainda, de objetivos exploratórios, que como expressado por Gerhard e Silveira (2009), proporcionam maior familiaridade com o problema, visando construir hipóteses.

2.2 PARTICIPANTES

Foram delimitados quatro grupos de participantes para a pesquisa, contendo no total sete membros de populações cisgêneros e transgêneros, entre 20 e 40 anos. Os grupos estão apresentados na tabela a seguir, juntamente com os critérios de inclusão e exclusão definidos para cada um, e, em seguida, uma tabela com as iniciais, idade e estado civil dos participantes entrevistados e o grupo ao qual cada um deles pertence:

Quadro 1 – Participantes da pesquisa qualitativa

Grupos	Participantes	Crítérios de Inclusão	Crítérios de Exclusão
Grupo 1	1 homem e 1 mulher	Ser heterossexual, cisgênero e ter entre vinte e quarenta anos.	Ser homossexual, ser transgênero, ter menos de vinte anos e mais de quarenta anos.
Grupo 2	1 homem e 1 mulher	Ser heterossexual, ser transgênero ter entre vinte e quarenta anos.	Ser homossexual, ser cisgênero, ter menos de vinte anos e mais de quarenta anos.
Grupo 3	1 homem e 1 mulher	Ser homossexual, ser cisgênero e ter entre vinte e quarenta anos.	Ser heterossexual, ser transgênero, ter menos de vinte anos e mais de quarenta anos.
Grupo 4	1 homem	Ser homossexual, ser transgênero e ter entre vinte e quarenta anos.	Ser heterossexual, ser cisgênero, ter menos de vinte anos e mais de quarenta anos.

Fonte: Elaborada pelas autoras

Para contato com os participantes, foi utilizado, no presente trabalho, o método Bola de Neve. Segundo Vinuto (2014), a execução do processo se dá da seguinte maneira: os pesquisadores lançam mão de informantes-chaves, denominados “sementes”, a fim de entrar em contato com pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, e, em seguida, tais indivíduos indicados pelas sementes são solicitados a entrarem em contato com outras pessoas com as características desejadas, dentro de sua rede social.

2.3 LOCAL

Na pesquisa, 1 entrevista foi realizada na Clínica de Psicologia de uma universidade privada no interior do estado de São Paulo, 3 em locais de preferência dos entrevistados, 2 nas respectivas residências e 1 em um local público que preservou o sigilo, além de 3 mediadas pela tecnologia através da plataforma do Google Meet.

2.4 PROCEDIMENTO

2.4.1 Coleta de Dados

Como descrito no tópico 2.2, o procedimento utilizado para contato com os participantes foi o Bola de Neve (VINUTO, 2014), através de um participante “semente” que foi indicando outros participantes, de sua rede de relações, que se encaixaram nos critérios determinados para o projeto. Assim que o contato com os participantes foi estabelecido foi agendado um encontro, ou na clínica de psicologia da Universidade de Ribeirão Preto ou em um local de escolha do participante, podendo ser, inclusive, mediado por tecnologia, como já foi mencionado.

Nos dias agendados, as pesquisadoras se apresentaram aos possíveis participantes, explicaram os objetivos do estudo, a fim de assegurar-lhes a confiabilidade dos dados e garantiram aos mesmos sua privacidade e dignidade, através da apresentação e explicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Em seguida, o roteiro de entrevista semiestruturado foi aplicado, com a gravação das entrevistas, conforme autorização concedida pelos participantes.

2.4.2 Análise de Dados

Para este trabalho a análise de dados foi realizada a partir do método de análise de conteúdo. Pensando em uma noção cronológica, a análise de conteúdos abrange as seguintes fases propostas em Bardin (2004): a pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação, então;

- Pré-análise: se refere ao momento da organização do trabalho, se analisa as ideias iniciais do projeto e os objetivos propostos, para então operar e sistematizar, estabelecendo dessa forma um programa preciso, porém flexível.
- Exploração do material: Concerne a uma administração sistemática das decisões tomadas, uma aplicação do definido na fase de pré-análise, sendo este período o mais longo;

- Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: Nesse período os resultados em bruto são tratados de maneira a serem significativos e válidos. Permitindo com isso, se estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais expressam de forma reduzida e atribuem destaque as informações fornecidas pela análise.

2.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A pesquisa agiu em conformidade com os termos e definições da resolução n° 466/2012, versão 12, do Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa para pesquisa com seres humanos (BRASIL, 2012). O respectivo projeto foi submetido à apreciação da Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade de Ribeirão Preto n° do parecer 4.113.010, CAAE 32816520.2.0000.5498, foi aprovado dia 26 de junho de 2020.

A participação dos sujeitos na pesquisa foi de forma consciente e livre, precedida pelo esclarecimento das informações pelas pesquisadoras responsáveis dos detalhes da pesquisa, direitos, benefícios e riscos da contribuição dos participantes, sendo confirmada mediante a apresentação e assinatura das duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ambas assinadas, sendo uma, dos voluntários e a outra das pesquisadoras.

Nesta pesquisa não foi previsto risco físico para os participantes, não havendo nenhum tipo de remuneração ao voluntário, porém, os resultados desse estudo podem ser benéficos para uma compreensão social acerca do tema. Aos participantes foram garantidos, sigilo e o anonimato das identidades, bem como interromper suas participações a qualquer momento, caso desejassem, sem sofrer nenhum prejuízo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados a seguir referem-se a análise das entrevistas dos sete participantes/voluntários, realizadas a partir de um questionário semiestruturado, construído pelas pesquisadoras, com objetivo de apreender a compreensão do feminino e do masculino e sua relação com a construção da identidade de gênero e orientação sexual.

As entrevistas foram analisadas e organizadas em duas categorias e cinco subcategorias, descritas a seguir:

Quadro 2 - Descrição das áreas temáticas e suas respectivas categorias

Categoria	Subcategoria
3.1 MASCULINIDADES E FEMINILIDADES	3.1.1 Compreensão dos conceitos de masculino e feminino: idealizações 3.1.2 Papéis sociais 3.1.3 Padrão heteronormativo nas relações 3.1.4 Sexualização do feminino 3.1.5 Passabilidade
3.2 SER UMA PESSOA TRANSGÊNERO NA SOCIEDADE ATUAL	

Fonte: Elaborada pelas autoras

3.1 MASCULINIDADES E FEMINILIDADES

Aqui abordou-se a compreensão dos conceitos de masculino e feminino e sua idealização; papéis sociais; padrão heteronormativo nas relações; sexualização do feminino e passabilidade.

3.1.1 Entendimento dos conceitos de masculino e feminino e sua idealização

Dentre vários aspectos que se acentuaram nas falas dos participantes entrevistados, a confusão em relação à conceituação dos termos feminino e masculino foi acentuada. A confusão, entretanto, não é indevida; como já foi apresentado anteriormente, muito do entendimento que circunda os conceitos de masculino e feminino está intimamente entrelaçado com o conceito de gênero, termo que, mesmo na conhecida literatura, apresenta certa opacidade referente a sua conceituação (AQUINO, 2006; SANTOS et al., 2016).

Muito do conteúdo trazido pelos participantes, quando questionados sobre seu entendimento acerca dos conceitos de masculino e feminino, ficou na percepção do que há de diferente entre os sexos socialmente construídos, por mais diferentes que sejam uma das outras. Essas explicações foram apresentadas por todos os grupos, mesmo pelos indivíduos que tentaram questioná-la.

Como afirma Joan Scott (1995), o conceito de gênero é uma forma de se referir às ideias sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres, ou seja, às construções sociais do que se entende que constitui um homem e uma mulher. Muszkat (2018) esclarece, sexo se trata de um conceito biológico, e gênero, por sua vez, reflete o que é socialmente construído sobre essa anatomia; comportamentos, temperamento, valores e atribuições morais são construções simbólicas atribuídas a um corpo, de acordo com seus genitais.

“[masculino e feminino] ...seria basicamente alguma coisa da parte fisiológica da pessoa, então o organismo de um homem produziria uma quantidade x de hormônios e o da mulher uma outra quantidade... mas daí vai da aceitação da

pessoa também, é... se a pessoa se aceita como um homem, ou como mulher... ai fica a critério dele” (Participante V. S. M. J., 21 anos, G1).

“Entendo como masculino homens, pessoas que se identificam como homens [e feminino] pessoas que se identificam como mulheres” (Participante G. M. M. O., 25 anos, G1).

“[masculino e feminino] eu vejo que é uma coisa muito taxada, muito imposta na sociedade desde os primórdios, né. E, a meu ver masculino e feminino ele é uma coisa assim, do que você quer fazer, do que você se interessa de cada um, entendeu [...] então, ao meu entender o masculino e o feminino ele só fica só na genitália mesmo porque além disso e, nem isso, se a gente for parar pra pensar porque também existe a questão das pessoas trans [...]” (Participante J. P. C. R., 26 anos, G3).

“De automático vem pensar em homem e mulher sem racionalizar o que essas palavras significam homem e mulher, macho e fêmea. Nesse quesito mais biológico... Animal! Mas também vem vários pensamentos na minha cabeça porque talvez a minha cabeça vai um pouquinho a fundo nesse assunto ai de masculino e feminino porque eu acho que tem uma construção social muito grande sobre isso, principalmente na sociedade que a gente vive que vê que todas as questões de comportamento e expressões físicas estão relacionadas a definir o que é feminino e o que é masculino [...]” (Participante M. M. N., 24 anos, G3).

Tal aspecto encontra fundamento em Pierre Bourdieu (1995) que postula que a divisão do mundo se fundamenta sobre as diferenças biológicas; dessa forma, a divisão sexual do trabalho, da procriação e da reprodução, tanto quanto as representações sociais de gênero, operam como uma ilusão coletiva que organiza a percepção concreta e simbólica de toda vida social. Dessa forma, não é de se estranhar que o discurso dos participantes se organize, também, de tal maneira.

Podemos ver esse aspecto exemplificado mais claramente na fala do participante L. H. A., de 20 anos, pertencente ao grupo 4:

“[...] eu acho que eu associo feminilidade com sensibilidade que, não sei se é um negócio inato ou se tem a ver com socialização, mas de qualquer maneira... masculinidade eu associo muito com, de certa forma, honra sabe, honrar palavra..., mas por outro lado não é como se o feminino não tivesse a ver com isso, entendeu? É complicado, eu acho que talvez não sejam duas coisas tão opostas? Tão assim, sabe, tudo que a mulher é o homem não é e tudo que o homem é a mulher é o oposto... não sei”.

3.1.2 Papéis sociais

Os papéis sociais são regidos pela cultura patriarcal vigente na sociedade baseado numa imagem construída socialmente de masculino e feminino ideal, de acordo com um padrão, a própria feminilidade é uma construção social com a finalidade de desempenhar um papel social (BOURDIEU, 2003 apud BERALDO, 2014).

A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do reforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar (BOURDIEU, 2003, p. 106 apud BERALDO, 2014, p. 4).

A notória frase “ninguém nasce mulher: torna-se” da filósofa existencialista francesa Simone de Beauvoir (1967), deixa evidente que os papéis sociais atribuídos a cada gênero são construídos socialmente com valores da sociedade.

As sociedades humanas, com uma notável monotonia, sobrevalorizam a diferenciação biológica, atribuindo aos dois sexos funções diferentes (divididas, separadas e geralmente hierarquizadas) no corpo social como um todo. Elas lhe aplicam uma ‘gramática’: um gênero (um tipo) ‘feminino’ é culturalmente imposto à fêmea para que se torne uma mulher social, e um gênero ‘masculino’ ao macho, para que se torne um homem social. [...]. Outros aspectos do gênero – diferenciação da vestimenta, dos comportamentos e atitudes físicas e psicológicas, desigualdade de acesso aos recursos materiais e mentais, etc. – são marcas ou consequências dessa diferenciação social elementar (MATHIEU, 2009, p. 223 apud BERALDO, 2014, p. 5).

Portanto, as entrevistas realizadas demonstram forte influência dos papéis sociais nas vivências de cada indivíduo, como descrito abaixo.

“Eu acho que eu definiria o feminino e o masculino como duas opções de identidade de gênero, mas não todas, porque não são todas as pessoas que se encaixam nisso. Mas acima de tudo como uma construção social, porque eu acho que a gente se define na sociedade como mulher ou como homem por motivos então, é...seja por vaga de emprego, seja para um determinado lugar, determinado comportamento. Então, é muito uma questão de construção social para moldar como a gente vai se comportar na sociedade. São identidades de gênero, mas acima de tudo uma construção social” (Participante M. M. N., 24 anos, G3).

“Nossa, eu sou tão desconstruída que eu acho que não ter uma concepção de masculino e feminino, a pessoa cria seu gênero envolta do que faz, na minha, claro! O conceito de masculino para mim... não consigo nem te falar que é homem porque tem barba, porque tem os homens trans, então eu acho que não tem um conceito definido de masculino e feminino, pra mim o gênero é fluido, você consegue modelar. Muitas pessoas falam que para ser mulher tem que ter bundão, peitão. Mores, não...a gente tá no século 21, hoje existe mulheres de todos os tipos, existe homens de todos os tipos, e também o ser o feminino tá aqui dentro” (apontando para dentro de si) (Participante B.S.A, 26 ANOS, G2).

Desse modo, os papéis sociais que distinguem o masculino e o feminino ainda estão enraizados socialmente e ainda se faz essa distinção baseada no gênero.

3.1.3 Padrão heteronormativo nas relações

Durante as entrevistas com os participantes voluntários notou-se de forma explícita e implícita, uma heteronormatividade no discurso dos indivíduos, principalmente no que se

refere às características de um homem ou uma mulher e suas relações amorosas, mesmo em pessoas transgênero e homens gays, grupos que são excluídos e, por muitas vezes, prejudicados e repudiados por essa norma heteronormativa. Na sociedade ocidental ainda impera um modelo de normalidade dominado e cobrado como certo, a heteronormatividade e,

[...] por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais (FOSTER, 2001, p. 19 apud MIRANDA, 2010, p. 82).

A sociedade aparentemente deduz uma identidade de gênero e sexual puramente por um fator biológico e focado em genitálias, pênis e vagina, no entanto os corpos são complexos e significados pela cultura e por ela alterados. As pessoas deveriam se perguntar sobre os motivos de determinadas características terem sido historicamente consideradas e marcadas como “normais” e quais os significados de se enquadrar ou desviar das normas padrões (LOURO, 2000).

Algumas falas encontradas nas pessoas voluntárias exemplificam uma internalização e propagação do padrão heteronormativo, tanto pela parte do próprio indivíduo, quanto de pessoas com quem se relaciona de maneira interpessoal.

“Então, assim eu me choco, até em questão de acessórios, as pessoas se perdem um pouco no sentido de “ai, é demais pra um homem” e eu já tive que ouvir até de pessoas com quem eu me relacionei, de meninos no caso, homens, do tipo “ah, mas você fica tão mais bonito sem nada”, do tipo assim você fica tão mais bonito no padrão héteros, só que você é um gay, é tipo uma forma hétero mas você gosta de outro homem, entendeu”. (Participante J. P. C. R., 26 anos, G3).

“A parte mais complicada dentro disso tudo foi sempre mais a parte de relacionamento, de relações mais pessoais onde as pessoas, os homens, queriam um padrão mais perto do heteronormativo”. (Participante J. P. C. R., 26 anos, G3).

É possível observar parceiros amorosos de forma indireta ou direta reproduzindo uma heteronormatividade em um relacionamento entre dois homens e até possivelmente uma homofobia internalizada. Antunes (2016) propõe que independente da orientação sexual, todos acabam por internalizar em algum nível a cultura de patriarcado, heteronormatividade, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, normas de gênero, machismo e misoginia.

Têm-se na frase uma tentativa do companheiro amoroso de aproximar J. de um padrão masculino aceito e afastá-lo de aspectos femininos, nesse caso roupas e acessórios, que seriam indesejados e poderiam gerar vergonha, inclusive para si mesmo por ser visto com o homem. Ainda que outra vertente dessa situação seja a tendência em imitação de relacionamentos sexuais em que um dos parceiros teria um papel social de mulher e outro de homem.

“Eu acho que eu associo feminilidade com sensibilidade que, não sei se é um negócio inato ou se tem a ver com socialização, mas de qualquer maneira... masculinidade eu associo muito com de certa forma honra sabe [...]”. (Participante L. H. A, 20 anos, G4)

“Quando eu tinha uns 11, 12 anos, eu cortei o cabelo no ombro e sem entrar em muitos detalhes, eu sofria bullying, o que é natural; estrangeiro, meio estranho, menina, mas não tem muito cara de menina, e aí eu cheguei na escola com meu cabelo curto, com meu uniforme masculino, e eis que eu ouço uma das... tinha uma menina e um menino que pegavam no meu pé pra caramba, e eles estavam do outro lado da sala sussurrando, mas claramente não estavam sussurrando... “ei, olha aquele menino ali”. (Participante L. H. A, 20 anos, G4)

“As festas de formatura que é um momento mais formal e eu não queria ir de vestido e, aí não, tem que usar vestido, aí acabei indo de vestido tipo, tá bom”. (Participante G. M. M. O., 25 anos, G1)

“A sociedade falava, não, você é uma mulher, você tem que se portar igual uma mulher, você tem que ter o cabelo de uma mulher, você tem que andar com as meninas, e eu não fazia, eu via que mesmo eu tentando me achar ali, eu não fazia parte daquilo porque eu não queria me arrumar pra ver os menininhos, eu queria ficar largadão como os meninos”. (Participante P. S. R., 22 anos, G2)

Nas falas do participante L.H.A. observa-se um aspecto naturalizando constructos sociais como aspectos inatos, a sensibilidade das mulheres sendo um exemplo, porém nota-se um processo de desconstrução em andamento e como não se encaixar nesse padrão pode gerar estranheza e preconceito, um corte de cabelo é usado como símbolo; mulheres jovens devem ter seus cabelos compridos e bem feitos.

Além disso, outras normas aparecem na fala de G. e P., aspectos que socialmente as pessoas definem como o padrão e o aceitável, se definiu que em uma formatura as mulheres usam vestidos, por exemplo. Sendo que todas essas questões se relacionam a normas heteronormativa construídas e vigentes na sociedade brasileira.

A reprodução e/ou a desconstrução do padrão heteronormativo presente na fala dos participantes ilustra também o fenômeno das representações sociais de Moscovici. Quando as pessoas se deparam com cenas do cotidiano “em cada um desses casos, notamos a intervenção de representações que tanto nos orientam em direção ao que é visível, como

àquilo a que nós temos de responder; ou que relacionam a aparência à realidade; ou de novo aquilo que define essa realidade” (MOSCOVICI, 2007, p. 31-32).

3.1.4 Sexualização do feminino

Com a ascensão da liberdade sexual das mulheres e o surgimento da pílula anticoncepcional, criou-se uma falsa liberdade e igualdade sexual na balança do poder entre homens e mulheres. Com isso, houve maior disseminação e consumo da erotização e sexualização do feminino, ficando mais evidente a objetificação feminina que persiste até hoje na cultura de supremacia masculina (WOUTERS, 2017).

A sexualização do feminino e a concepção culturalmente criada de prazer voltada ou envolvendo o homem (relação heteronormativa), muitas vezes anulando o desejo feminino, reduzindo a mulher e a objetificando como um ser de anseio masculino. Essa objetificação com viés heteronormativo causa muito sofrimento e violências nas mulheres lésbicas, como pode ser observado no relato abaixo.

“[...]Na questão social depende porque, vai ser muito do momento se eu tiver só como uma mulher cis lésbica sozinha eu vou passar só de mulher cis. Agora se eu tiver com uma namorada isso afeta como as pessoas me olham, como as pessoas julgam, como os homens sexualizam, vai depender de todos esses aspectos que a gente sabe que acontece muito. Em festa então nem tem o que falar, é o pior de todos porque os homens acham que tem a liberdade de invadir a individualidade dos outros, seja de quem for, mas aí tem a sociedade que hiper sexualiza as mulheres, hiper sexualizam as mulheres lésbicas com pornografia e o conteúdo que é transmitido, então, também muda cem por cento[...].” (Participante M. M. N., 24 anos, G3).

A normatividade cisgênera em nossa sociedade promove discursos supremacistas e faz com que exista a exotificação e inferiorização dos corpos transgêneros, influenciando a afetividade e a sexualidade das pessoas que saem da definição mulher-homem cisgênero. Isso acarreta diversos problemas como traumas afetivos e sexuais na vida das pessoas transgênero, além da tentativa de “adaptar” o corpo para seguir um padrão imposto pela sociedade, como mamilos, cabelos, entre outras características. Essa objetificação se intensifica com a indústria pornográfica e padroniza e transforma em mercadoria o corpo transgênero (V., 2014). Os discursos abaixo ilustram o que foi comentado.

Afeta muito...MUITO! Porque menina, olha...eu não consigo sair ali no mercado sem alguém ficar olhando pra mim, sem alguém ficar encarando, sem um mexer, sem outro mexer. Aqui onde eu moro eu consegui “um nome na cidade”, se me peitar eu peito de volta, mas ATRAPALHA MUITO! Quando eu estudava, eu sempre era a chacotinha da classe, a estranha “o que é aquilo?” (falavam), usando como eu fosse um animal ou um objeto, atrapalha! (Participante B.S.A, 26 ANOS, G2)

As mulheres cisgênero heterossexuais, as lésbicas e as trans possuem seus corpos sexualizados, evento que possui repercussões de diferentes formas, mas causando em todas as mulheres um sofrimento psíquico e um sentimento de objetificação e desrespeito.

3.1.5 Passabilidade

Considerando as entrevistas com os participantes voluntários o tema da passabilidade mostrou-se presente. Por tal conceito se entende que;

A passabilidade é um termo êmico que diz respeito a um atributo vinculado ao quanto cada pessoa consegue ser percebida pelos demais de acordo com a identidade de gênero com a qual se identifica. O termo também é utilizado referindo-se a pessoas transgênero e o quanto conseguem ser entendidas como uma pessoa cisgênero com a mesma identidade de gênero (masculina ou feminina) (WITTMANN, 2019, p. 89).

Este conceito se associa a aspectos da subjetividade, da identidade e da corporeidade das pessoas. Alguns dos entrevistados, ao verbalizarem sobre o assunto trouxeram uma carga de reflexões e um certo alívio e conforto para aqueles que experimentam, em algum momento, a passabilidade em contextos sociais. Silveira e Furlan (2003), desenvolvem o destaque que Foucault exprime sobre o corpo ser uma expressão de poder que se articula com a história da sociedade ocidental que está também conectada a regulações, regras e hierarquias.

Então, durante as entrevistas foi possível notar através das falas de participantes situações em que experienciaram a passabilidade, seja por meio de atitudes deliberadas suas ou por uma visão construída da sociedade na qual se encaixaram.

“Eu acho que o mais marcante mesmo foi com a família da M., o mais presente e mais forte que eu senti na pele foi a que a gente teve que fazer, falando que “não pai, ele é um homem trans” porque querendo ou não a passabilidade fica maior com o passar do tempo. Então, bastante tempo em testosterona, a voz foi a primeira coisa que mudou, então a passabilidade foi ficando maior e aí com a questão da cirurgia também aumenta essa certificação que é um menino e a passabilidade fica maior [...]”. (Participante P. S. R., 22 anos, G2)

“Recentemente eu fui viajar antes da pandemia com a M. e a cicatriz ainda tava bem viva, fazia acho que 4 meses que eu tinha operado e eu cheguei perto da piscina. Eu não podia tomar tanto sol então fiquei só no guarda-sol e aí nossa, os olhares já ficam tipo “ai que que ele tem? ”, “ai meu deus do seu e tal”; quando eu vejo assim que a pessoa é muito mais velha eu até opto por falar que em vez de eu contar toda essa história, que talvez não vão entender eu falo assim “Ah, é que eu era bem gordinho, emagreci e tirei a mama”. (Participante P. S. R., 22 anos, G2)

Nota-se na pessoa transgênero uma vivência de satisfação com os aspectos estéticos que a aproximam da identidade de gênero com que se identifica, movimento que se mostra como natural; afinal, o processo na sociedade brasileira em sua grande maioria é excludente e violento com pessoas transgêneras. P. fala de sua vivência como um homem transgênero, expressando sobre o papel da testosterona e da mastectomia de transexualização ou mamoplastia masculinizadora. Tais processos permitiram ao entrevistado o desenvolvimento de características essenciais diante das normas de gênero vigentes na sociedade e que modificaram a sua dinâmica nos espaços públicos.

Na história de pessoas transgêneras existem frequentes experiências de discriminação e rejeição, além de experiências sociais de sexismo e homofobia, para muitos indivíduos então, se culmina na decisão de reclamar a identidade feminina ou masculina que se identificam e há também associação dessa decisão como uma maior possibilidade de conforto psíquico, respeito e reconhecimento social (ALMEIDA, 2012). A passabilidade é uma espécie de reconhecimento e leitura de um corpo trans encarado como cis; situação que potencialmente resulta em um escape de situações violentas dirigidas àqueles que não se encaixam no binarismo de gênero e cisnormatividade (PONTES; SILVA, 2017).

3.2 SER UMA PESSOA TRANSGÊNERO NA SOCIEDADE ATUAL

Nas entrevistas realizadas observou-se diversas narrativas por parte das pessoas transgênero ouvidas, suas visões sobre si e papel na sociedade variam e demonstram os respectivos enfoques de perspectiva, positivas e negativas.

“Eu acho que a palavra que define é a resistência viu. Eu acho que tem que ser resistente pra conseguir o objetivo, ser o homem que sou hoje, se eu tivesse parado na primeira porta fechada, na primeira barreira, eu não teria essa realização que eu sou hoje.[...]Eu acho que essa palavra respeito é bem forte pra gente e hoje é com resistência e respeito que eu consegui achar uma beiradinha na sociedade que já faz toda diferença, eu acho”. (Participante P. S. R., 22 anos, G2)

“Parece que assim eu preciso me aproximar das pessoas pra ter essa confiança nelas, mas como que eu me aproximo delas se eu sinto que eu to sempre fingindo alguma coisa? Sabe? É difícil, é bem complicado”. (Participante L. H. A, 20 anos, G4)

“Eu entendo que de certa forma é bom que a gente tenha essas conversas e que se traga atenção pro problema, mas como eu me entendo como trans já há uns... desde 2014 pelo menos, eu vi nos últimos anos o assunto subir de relevância, e as vezes eu fico assim, não dá pra esquecer a gente, finge que a gente não tá aqui, deixa a gente em paz (risos) mas ao mesmo tempo foram essas discussões que fizeram com que eu tivesse a opção de simplesmente ir lá na minha universidade e mudar meu nome social. Por um lado, é mais difícil do que já foi e por um lado é mais fácil; eu diria que é cansativo ser uma pessoa trans na sociedade de hoje. Mas espero que o cansaço valha a pena”. (Participante L. H. A, 20 anos, G4)

“Eu acredito que a partir do momento que você se descobre que você olha pro espelho e diz “ eu sou uma mulher trans”, não vai ser um seio, não vai ser um cabelo grande, não vai ser um salto, não vai ser um vestido que vai te dizer que vai te afirmar; você afirmando pra você mesma já tá ótimo, entendeu?”. (B. S. A., 26 anos, G2)

“ [...]A luta é diária. Mas aí você tem duas opções, ou você fica se vitimizandando dentro de um poço sem você conseguir sair ou você pega, chuta o balde e vai viver, vai ser feliz independente do que as pessoas esperam...eu acho assim”. (B. S. A., 26 anos, G2)

Com as colocações principalmente de P. e B. percebe-se um senso de realização após a superação de variadas adversidades, segundo seus discursos conquistaram pertencimento e amor próprio ao conseguirem vivenciar sua identidade de gênero.

Algo em comum nos três participantes, ainda que verbalizado de forma diferente, é o desejo de realização e de conquista de um lugar seu em uma sociedade que muito os excluiu. L., em suas falas, teoriza sobre seu incômodo sobre a proximidade da luta transgênero com a política, seus sentimentos são válidos e se relacionam a suas jornadas e vivências. Na teoria de Judith Butler, poder, corpo, identidade e política mostram-se como profundamente relacionados, afinal a sociedade possui estruturas e, se não houvesse uma procura por uma universalidade e pelo “normal”, alguns corpos e pessoas não seriam excluídos (BUTLER, 2003; PORCHAT, 2015).

Uma discussão pertinente refere-se à inserção de pessoas transgênero no mercado de estudo e trabalho, com as três pessoas ouvidas pode-se notar uma discrepância entre os dois participantes homens e a entrevistada mulher.

“Eu estou cursando ensino superior, faço enfermagem na U. (faculdade particular no interior do Estado de São Paulo) [...] Trabalho com finanças na empresa do meu pai”. (Participante P. S. R., 22 anos, G2)

“Na época eu estava na U. (faculdade pública de São Paulo) [...] Eu mudei de faculdade [...] Eu sou da economia, então eu sou meio dessa área política né, filosofia”. (Participante L. H. A., 20 anos, G4)

“Trabalhei muitos anos com prostituição, porque é difícil para uma mulher trans, você não acha um emprego, eles veem trans/travesti só na rua...entendeu? [...] Sofri bastante, aí tudo mudou e aí eu voltei pra cá e comecei a estudar e agora eu tô aqui... Empresária! Mostrando que lugar de trans/travesti também é trabalhando em loja, é dona, é empresária, é tudo isso!” (B. S. A., 26 anos, G2)

Conforme desenvolvido por Silva, Luppi e Veras (2020), os homens transgêneros possuem maior probabilidade de inserção no mercado de trabalho, uma hipótese da motivação refere-se à presença de uma maior passabilidade, conceito discutido no tópico 3.1.5 Passabilidade, considerando que o uso de hormônios os aproxima da aparência

da identidade do gênero com que se identificam, potencialmente ocasionando em menor exclusão e discriminação.

B. relata sobre seu envolvimento com a prostituição antes de tornar-se uma empresária, cenário desenvolvido por Lopes, Peres e Sales (2020) ao expressarem que pessoas transgênero, em especial as mulheres, constantemente são associadas à prostituição e tal narrativa se torna constituinte e estigmatizante na socialização dessas pessoas. Há uma imposição de construção única, como se as mulheres trans fossem exclusivas da prática de prostituição, desconsiderando o papel dos padrões sociais binários e reducionistas que afetam as normas, relações sociais e produzem violências.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possuía como um de seus principais objetivos compreender o entendimento dos conceitos de feminino e masculino, além da análise de outros temas importantes que se relacionam às questões de gênero, como papéis sociais, através da realização de entrevistas semiestruturadas, com participantes adultos de diferentes identidades de gênero e orientações sexuais. Entende-se os participantes como sujeitos históricos situados, com representações de feminino e masculino permeadas pelo seu tempo e contexto histórico. Tempo este, onde coexistem certas visões e compreensões sobre o tema, ora voltadas para papéis fixos e associados ao sexo biológico, ora permeada pelo paradigma da sociedade inclusiva considerando a subjetividade e o respeito à diversidade.

Considera-se importante levantar discussões e colocar em pauta todos os temas trabalhados neste estudo, pois, apesar da atenção que pesquisas relacionadas a esses temas receberam nos últimos anos, ainda se sente e se percebe muito estigma relacionado aos assuntos trabalhados na pesquisa. Por conta disso, acredita-se que esse trabalho possa colaborar para um entendimento maior do tema. A diversidade da experiência de vida se expressa através da subjetividade dos indivíduos e a consideração das vivências de gênero e sexualidade na produção de conhecimento científico é uma tarefa contemporânea.

A discussão sobre identidade de gênero, orientação sexual, feminino e masculino permeiam a ordem social e influem na vida cotidiana das pessoas. O psicólogo como um profissional da saúde e considerando uma prática científica, integrada e humanizada deve buscar o entendimento e aparatos técnicos, científicos e sociais para o atendimento de pessoas. Questões de gênero, identidade e sexualidade certamente podem aparecer em um contexto terapêutico.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, L. O gênero no discurso das ciências sociais. **Análise Social**, [s.l.], v. 38, n. 168, p. 687-714, 2003. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218791078B9rDE5id4Po89MU8.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

AQUINO, E. M. L. Gênero e saúde: perfil e tendências da produção científica no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, Salvador, v. 40, [s.n.], p. 121-132, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rsp/2006.v40nspe/121-132/pt>. Acesso em: 29 nov. 2019.

ALMEIDA, G. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 mar. 2021.

ANTUNES, P. P. S. **Homofobia internalizada**: o preconceito do homossexual contra si mesmo. 2016. 433p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17142/1/Pedro%20Paulo%20Sammarco%20Antunes.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

BERALDO, B. O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 4., 2014, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, SP: Escola Superior de Publicidade e Marketing, 2014, p. 01-15. Disponível em: <https://docplayer.com.br/18273206-O-que-e-feminilidade-papeis-sociais-e-o-feminismo-contemporaneo-1.html>. Acesso em: 07 mar. 2021.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

FOSTER, D. W. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana. **Letras: literatura e autoritarismo**, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001.

LOURO, G. L. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

MIRANDA, F. F. F. de. Heteronormatividade: uma leitura sobre construção e implicações na publicidade. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 81-94, 2010.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: Investigações em psicologia social. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MUSZKAT, M. E. **O homem subjugado**: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo. São Paulo: Summus, 2018. 176 p.

OLIVEIRA, P. P. de. Discursos sobre a masculinidade. **Rev. Estudos Feministas**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43904025?seq=1>. Acesso em: 29 nov. 2019.

PONTES, J. C.; SILVA, C. G. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 8, p. 396-417, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23211/15536>. Acesso em: 03 mar. 2021.

PORCHAT, P. Um corpo para Judith Butler. **Rev. Peri.**, Salvador, v. 1, n. 3, p. 37-51, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/14254/9855>. Acesso em: 09 mar. 2021.

REIS, S. L. de; BELLINI, M. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/10256/pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SAMPAIO, L. L. P.; COELHO, M. T. Á. D. Quando o estranhamento se traduz em preconceito: trajetórias de vida de pessoas transexuais. In: VIEIRA, T. R. (Org.). **Minorias Sexuais Direitos e Preconceitos**. Brasília: Consulex Ltda, 2012, p. 337-351.

SILVEIRA, F. A.; FURLAN, R. Corpo e Alma em Foucault: Postulados para uma Metodologia da Psicologia. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 171-194, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 mar. 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Rev. Educação e Realidade**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 29 nov. 2019.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/cd8e/3ecb215bf9ea6468624149a343f8a1fa8456.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

V., V. Trans Sexualidade: Reflexão sobre a mercantilização do sexo desde uma perspectiva transgênera. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10154>. Acesso em 5 de março de 2021.

WITTMANN, I. “O Corpo Nasce de uma Identidade”: reflexões sobre a construção do corpo em experiências transgênero. **Cadernos de campo**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 86-107, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/149227>. Acesso em: 03 mar. 2021.

WOUTERS, C. Sexualização e Erotização: Emancipação e integração do amor e do sexo. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1217-1237, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362017000401217&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 9 mar. 2021.